

# A comunidade escolar e os coletivos artísticos: notas sobre uma experiência extracurricular na Escola de Aplicação

Brisa Mirele Barbosa Rodrigues



**Imagem 1:** Bandeira seja coragem seja, 2019

*Atravessando o Rio, avanço à cidade sitiada, à cidade abençoada pelo pai de braços abertos. A cidade que cala seus filhos, meus irmãos. Ouço vozes que ecoam e batem fundo no meu peito. Tenho sede. Avisto em morros fogo intenso, fogo aberto a todos. Tenho sede. Ouço vozes sob a máscara de Bárbara, sob o teto do teatro grito...*  
(LYRA apud RODRIGUES, 2019)<sup>1</sup>.

Acho que entendo de sede, embora tenha nascido numa cidade banhada pelo rio São Francisco, em Petrolina (PE), autodeterminada capital do Sertão. Onde existe a Faculdade de Formação de Professores (FFPP), criada pela lei municipal nº 31 de 29.10.1968. No ano 1971 essa faculdade foi integrada à Universidade de Pernambuco (UPE) e em 1994, nascia a Escola de

<sup>1</sup> Dramaturgia A Bárbara, in A Bárbara: O corpo bandeira da mulher e as práticas feministas nas artes, 2018.

Aplicação Professora Vande de Souza Ferreira, que ocupava o turno matutino do mesmo espaço físico e místico em que também estudavam professores em formação.

A conexão entre faculdade e escola é a filosofia pedagógica que move a Aplicação desde suas origens em 1944, com a criação da Escola Experimental e os Colégios de Aplicação (CAP). Segundo Evelline Soares Correia, esse foi um projeto do Instituto Nacional de Ensino e Pesquisa (INEP), que originalmente instalou o Colégio de Demonstração vinculado à Faculdade de Filosofia<sup>2</sup>. Já em São Paulo a Escola Experimental (CRPE-SP) é criada em 1958 e, posteriormente chamada Escola de Aplicação, integrada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Neste mesmo ano em Pernambuco é fundado o CAP em Recife, na UFPE:

“O Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco foi fundado em março de 1958 para funcionar junto à Faculdade de Filosofia como um laboratório experimental. Hoje funciona como um Centro de Educação Básica na UFPE, atendendo aos acadêmicos das diversas licenciaturas, em suas habilitações”<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> CORREA, Evelline Soares. Colégios de Aplicação Pedagógica: Sua história e seu papel no contexto Educacional Brasileiro. Rev.Eletrônica Pesquiseduca, ISSN: 2177-1626, v. 09, n. 17, p. 116-129. jan.-abr.2017; p. 117. Disponível em: <<http://periodicos.unisantos.br/index.php/pesquiseduca/article/download/619/pdf>>. Acesso em: 05/06/19 às 17h57.

<sup>3</sup> Narrativa disponível no site do CAP/UFPE.

A relação entre filosofia e ensino, mais especificamente com as práticas pedagógicas, nos mostra uma posição sobre a experiência cotidiana, os saberes da comunidade; quando a realidade atravessa nossas vidas numa ação que nos transforma. Faço esta reflexão por entender que não existe educação ou ensino sem transformação. Como disse Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia*: “Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível” (2013, p. 74). Por reconhecer as transformações durante minha jornada escolar, sobretudo a partir do contato com o teatro, conto um pouco sobre minha experiência em uma escola de aplicação, no Sertão do Brasil. Escola que homenageia Vande de Souza Ferreira e a inscreve, em sua história, como uma “brilhante e guerreira professora de português”<sup>4</sup>.

É importante dizer que esta instituição fazia um grande concurso, por meio de uma prova que tinha uma linha de corte cuja nota era 7. Eu tinha uns 10 anos de idade e fui fazer aquela prova. Lembro-me de que estava muito nervosa naquele dia. Seria a única chance de estudar naquela escola, pois na época só davam entrada aos alunos na 5ª série do ensino fundamental. Não me sentia tão preparada e sabe aquele frio na barriga que dá quando a gente vai entrar no palco? Eu queria muito passar no teste, mas tirei nota 6,75 e não fui selecionada na primeira chamada. Passaram-se algumas semanas, então entraram em contato com minha mãe e com a mãe de outro candidato, que morava no mesmo bairro que eu. Abriam mais duas vagas e nós conseguimos nos matricular, pois estávamos numa lista de espera e éramos os próximos da lista.

Comecei a estudar na Aplicação antes da virada do século, no ano 2000 se formava a primeira turma do ensino médio daquela escola. Naquele tempo, desenvolver a comunicação e a escrita fazia parte das tarefas da professora de português, que na minha turma era a querida

Disponível em: <<https://www.ufpe.br/cap>>. Acesso em: 05/06/19 às 2019.

4 Disponível em: <<http://www.upe.br/petrolina/campus/escola-de-aplicacao/>>. Acesso em: 06/06/19.

Francisca, também professora de artes. Existia uma tradição muito forte de produção de redações nesta escola, o que era fator determinante para alcançar a nota 7. Fato é que esta escola era uma referência regional, pois a inclusão digital, as aulas de línguas estrangeiras, a educação física e as atividades extracurriculares tornavam-na excelência para os padrões das escolas da região, entre as públicas e as privadas. Foi com esta escola que fui ao teatro pela primeira vez.

Era uma pequena viagem atravessando o rio São Francisco e chegando à Bahia, no Teatro João Gilberto, da cidade de Juazeiro. Era um acontecimento que mobilizava toda a comunidade escolar, dentre alunos e professores. Fiquei encantada com os espetáculos que vi e mais ou menos dois anos depois fui até o professor de literatura, que também era ator de um grupo da cidade, e contei que queria fazer aulas de atuação. Mas, não foi dessa vez que o teatro atravessaria a minha vida. Somente um ano depois a escola propôs estas aulas como atividade extracurricular e assim formou-se o primeiro coletivo do qual eu participaria na vida: o grupo de teatro da escola.

"Performar com a máscara e experienciar a filosofia do palhaço me ajudou a lidar com tudo aquilo que eu achava ridículo em mim."

O corpo docente da Escola de Aplicação estimulava as atividades extracurriculares. Os alunos participavam das olimpíadas de matemática, de ciências, as mostras artísticas e havia sempre movimentos de encontro, dentre eles, a comunhão da comunidade escolar em um grande auditório, que se tornou nosso teatro. Lá, apresentei pela primeira vez uma peça de teatro que chamamos de “Primeiros passos”. Com esta criação tivemos contato com a palhaçaria. Performar com a máscara e experienciar a filosofia do palhaço me ajudou a lidar com tudo aquilo que eu achava ridículo em mim.

Assim como os escritos de Paulo Freire incentivam o reconhecimento entre as partes envolvidas nas relações de sobreposição de forças (uma, a estática normatização social do capital, a outra, a constantemente ativa força criativa do sujeito), o palhaço envolve a plateia numa lógica de afirmação das condições e, sem destruir ou reforçar os padrões, revela sua capacidade de lidar, de jogar pelo riso (ROCHA apud SILVA & CONSTÂNCIO; 2014, p. 368).

É importante dizer que nesse tempo as aulas eram ministradas por um estudante de Pedagogia da UPE, Thom Galiano<sup>5</sup>, que estava ocupando um *entrelugar* (SCHECHNER, 2012). Pois, sua aula funcionava institucionalmente como um tipo de estágio e também foi uma experimentação pedagógica. Ele tinha uns 22 anos, fazia teatro, dança e a partir daí começou a se aventurar na linguagem da encenação teatral, junto àquele coletivo de alunos na escola. Ou seja, essa experiência fazia parte de um *ritual de passagem* (SCHECHNER & LIGIÉRO, 2012) para nós, alunos, e também para ele, que estava ocupando o lugar do professor de teatro, atuando na criação artística e mediação pedagógica dentro da escola. Todo esse movimento promoveu aquilo que estou chamando de *comunhão* na comunidade escolar, bem como também potencializou o diálogo desta escola com a universidade e com a cidade.

O livro *Performance e antropologia de Richard Schechner* (SCHECHNER & LIGIÉRO, 2012) é composto por ensaios que entrecruzam os conceitos de ritual e jogo, refletindo sobre as performances: (a) *liminares*. “Van Gennep percebeu que esses rituais de passagem consistem em três fases – a pré-liminar, a liminar e a pós-liminar – a fase central é a liminar – um período de tempo em que a pessoa está “estranha e entre” categorias sociais ou identidades pessoais” (2012,

p. 63). Assim, aproximo o que diz Schechner à jornada de formação estudantil. E as performances: (b) *communitas*. Que para Schechner significa uma camaradagem ritual. Quando em um ritual e/ou jogo entendemos as regras e cooperamos. Num estado de comunhão que transmite a mensagem: “nós estamos todos juntos” (2012, p. 69).

A pedagogia do teatro me ensinou a não competir num sentido capitalista, ao qual, de certo modo, estávamos sendo estimulados na escola e fortemente na sociedade. Pois, durante a cena, e também em aula, o grupo precisava estar unido para fazer acontecer o teatro. Então, entendemos na prática que cada um teria que dar o seu melhor no momento do jogo, em cena, para não deixar a “bola cair”. O teatro era outro tipo de jogo, o qual eu desconhecia até o momento em que a experiência de estar num palco atravessou minha vida. É bem verdade que àquela época eu não tinha toda essa compreensão e consciência. Mas, a realidade é que ao passo que íamos montando as peças e as apresentando junto à comunidade escolar, fui entendendo o “grande lance” do teatro, que está

111

entre o jogo, o ritual e o discurso. E como as atividades nas aulas de teatro implicavam sempre as várias dimensões do meu corpo, também fui descobrindo minhas capacidades criativas. Esse movimento foi me abrindo espaços de liberdade narrativa e a consciência sobre minha própria história.

Naquela escola havia também uma tradição dos jogos desportivos de handebol, vôlei e futsal. Nesse tempo, nosso time feminino era bicampeão brasileiro de handebol estudantil. Nunca consegui marcar um ponto nas aulas de handebol, mas era conhecida como a menina do teatro. Em nossa escola tinha também a tradição do grêmio estudantil. Nossas eleições eram fortes, com campanhas, debates que envolviam toda a comunidade escolar, como também acontecia na universidade que ali existia. O jogo democrático necessário para compor uma instituição livre e plural. Todas estas atividades eram estimuladas como atividades extracurriculares.

5 Thom Galiano (Tomaz José da Silva Carvalho) é especialista em dança e artes cênicas pela Faculdade São Fidelis, diretor formado pela Universidade Federal da Bahia (bacharel em artes cênicas) e professor de teatro do Sesc Petrolina. Integrante/fundador da Trup Errante, grupo de teatro atuante no Vale do São Francisco (PE/BA).



**Imagem 2:** Bandeira primeiros passos, 2019.

Fazíamos passeatas, fazíamos o carnaval. Digo isso porque nossa escolar também se integrava a uma rede de escolas da cidade que realizavam passeatas artísticas anualmente. Tinha uma lógica parecida com as escolas de samba, com suas alas e alegorias, mas o mais importante é que esse movimento nos mostrava o poder de um coletivo unido ocupando as ruas. Acontecia em uma passeata cívica de aniversário da cidade, acompanhando o desfile do imponente Batalhão do Exército Brasileiro (72º Batalhão de Infantaria Motorizada), conhecido por ser o centro de instruções e operações na Caatinga. Lembro-me que em certo momento comecei a ir para a escola de bicicleta. Não era longe. Precisava somente atravessar a extensão do muro da fachada desse batalhão. Eu via sempre os soldados marchando enfileirados e repetindo em coro as palavras do seu superior. Muitas vezes acordava tarde e precisava atravessar o percurso desse caminho o mais rápido possível. Às vezes ficava “presa”, na portaria da escola, com seu Adão, até o início da próxima aula. Mas, isso me rendeu ótimas conversas, pois era um porteiro muito divertido. Ele sempre me perguntava sobre o teatro.

Em certo momento, fiz parte de uma comissão de cultura do grêmio eleito, convidada pelo presidente, que era meu amigo.<sup>6</sup> Esse coletivo de

6 Anos depois, eu e Patrick dividimos um apartamento enquanto cursávamos artes cênicas na Universidade Federal da Bahia e direito na Faculdade Dois de Julho (PROUNI), na cidade de Salvador (BA). Patrick Campos Araújo é Bacharel em Direito pela Universidade

estudantes iniciou uma manifestação nas ruas da cidade quando o valor das passagens de ônibus aumentou. Neste dia, ocupamos uma das ruas mais movimentadas no final da tarde, em pleno fluxo, com cartazes e cantos de protesto. Não estávamos sozinhos. Outros grêmios de outras escolas também conseguiram mobilizar alguns dos alunos de sua comunidade. Lembro que essa adesão não foi estimulada pela instituição, nem mesmo por algum professor, e apenas os alunos com mais liberdade dentro de suas casas conseguiram ir. Mas, nós estávamos acostumados a transitar pela cidade, sozinhos. Éramos alunos que atravessavam a cidade para chegar até a escola. E não dependíamos necessariamente do corpo docente para orientar nossa ação de protesto, pois todos nós usávamos os coletivos e precisávamos pagar pela meia-passagem, ao qual tínhamos direito por sermos estudantes. Era uma questão econômica, porque estes manifestantes precisavam administrar algum dinheiro entre passagens, alimentação, outros custos de vida e eventuais desejos de consumo ou economia. Lembro que houve inclusive uma “conversa de corredores” em que se falava sobre uma “suposta advertência” da diretoria para os alunos que fossem à manifestação representando a escola, uniformizados. Mas apesar da vigilância, nós, os manifestantes, não fomos punidos por exercer a cidadania ao qual estudávamos para alcançar em sua plena função social. Esse episódio nos mostrou a necessidade em assumirmos uma posição, elaborar um discurso e lutar por aquilo em que acreditávamos.

No livro *Relatar a si mesmo: Crítica da violência ética*, Judith Butler faz uma análise sobre a punição em Foucault e também sobre a culpa

Estadual da Paraíba (UEPB). Advogado inscrito na OAB-PE 47.586. Pós-graduando em Direito Público Municipal pela Faculdade de Ciências Aplicadas e Sociais de Petrolina (FACAPE). Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares da Universidade de Pernambuco (UPE). Mestrando no Programa “Estado, Governo e Políticas Públicas” da Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais - FLACSO. Foi aluno/pesquisador do Grupo de pesquisa e Projeto Atlas sobre o Direito de Morar, na Faculdade 2 de Julho e NPGA/CIAGS da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia (UFBA)..

e o castigo em Nietzsche. Ela diz que o sujeito reflexivo, que está consciente de sua própria história e sabe os limites para o conhecimento de si, vai se formando e passa a existir quando questionado por outro. Assim passa a gerar um relato narrativo de si mesmo, uma autocriação estética de si, que precisa estar comprometida com a responsabilidade, o reconhecimento de sua singularidade e o compromisso em dizer a verdade sobre si mesmo, enquanto e quando decide interpelar o outro.

Aqui parece importante notar o quanto Foucault queria se distanciar especificamente desse modelo e dessa conclusão quando, no início da década de 1980, decidiu repensar a esfera ética. [...] Por mais que, em sua obra anterior, ele trate o sujeito como “efeito” do discurso, nos escritos posteriores ele matiza e aprimora sua posição da seguinte maneira: o sujeito se forma em relação a um conjunto de código, prescrição ou normas e o faz de maneira que não só (a) revelam a constituição de si como um tipo de poiesis, mas também (b) estabelece a criação de si como parte de uma operação crítica mais ampla (2017; p. 28-29).

Em certo momento durante minha jornada escolar foi incluída a matéria Ética e Cidadania, além dos estudos da Filosofia e Sociologia que se somavam ao currículo a partir do ensino médio. Fato é que estes estudos, aliados à prática artística, me possibilitaram iniciar meu processo de subjetivação, meu autoengendramento. E nesse caminho em busca da minha autoimagem, me vi refletida naquela comunidade e, concomitantemente, fui convidada a enxergar os outros sujeitos que dividiam aquele espaço comigo.

No livro, *Ética e Cidadania: construindo valores na escola e na sociedade*<sup>7</sup>, lançado pelo

7 Ética e cidadania: construindo valores na escola e na sociedade / Secretaria de Educação Básica, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília:

Ministério da Educação e Secretaria de Educação Básica, em 2007, está transcrito os *Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais e ética* (MEC/SEF), no terceiro capítulo que relaciona justamente os temas: *Ética e educação*. Esse texto determina um dos objetivos da base curricular que se refere às atividades capazes de proporcionar ao aluno um olhar sobre si mesmo e sobre as alteridades:

Como o objetivo deste trabalho é o de propor atividades que levem o aluno a pensar sobre sua conduta e a dos outros a partir de princípios, e não de receitas prontas, batizou-se o tema de Ética, embora frequentemente se assuma, aqui, a sinonímia entre as palavras ética e moral e se empregue a expressão clássica na área de educação de “educação moral”. Parte-se do pressuposto de que é preciso possuir critérios, valores, e, mais ainda, estabelecer relações e hierarquias entre esses valores para nortear as ações em sociedade. Situações dilemáticas da vida colocam claramente essa necessidade. (2007, p. 50).

113

"Por isso, torna-se imprescindível uma pedagogia engajada (HOOKS, 2013) que abra espaços capazes de estabelecer a democracia, institucionalmente."

A escola é responsável por ordenar a vida escolar e apresentar ao aluno os diversos campos de experiências e conhecimento contidos na base curricular (BNCC)<sup>8</sup> e relacioná-los com

Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000015509.pdf>>. Acesso em: 25/06/2019.

8 Base Nacional Comum Curricular é constituída



a sociedade para desenvolver a autonomia dos cidadãos em formação. Por isso, torna-se imprescindível uma *pedagogia engajada* (HOOKS, 2013) que abra espaços capazes de estabelecer a democracia, institucionalmente. Que garanta à fala, que estimule o respeito, que entenda os afetos e as histórias pessoais. É preciso garantir a devida formação ética, filosófica, dialógica e expressiva, criativa, da vida prática, da vida social dos alunos. Essa formação deve integrar a comunidade escolar e assim conectar-se com a experiência cultural, com o mundo, através da produção intelectual, artística em toda sua dimensão curricular. Estimulando também atividades de extensão e pesquisa que apresentem oportunidades e opções para a atuação do corpo discente no mundo, em comunidade, na sociedade. Para isso, todo o corpo docente, técnicos e profissional da escola devem estar engajados através do princípio da formação ativa do ser humano. Como diz Bell Hooks<sup>9</sup> em *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade*:

Desde o começo, foi a insistência de Freire na educação como prática da liberdade que me encorajou a criar estratégias para o que ele chama de “conscientização” em sala de aula. Traduzindo esse termo como consciência e engajamento crítico, entrei nas salas de aula convicta de que tanto eu quanto todos os alunos tínhamos que ser participantes ativos, não consumidores passivos (2013, p.26).

Sobre a comunidade escolar, ou *comunidade pedagógica* (HOOKS, 2013), fica implícita a relação político-pedagógica entre instituição e comunidade. Como propõe Paulo Freire<sup>10</sup>

por competências e diretrizes comuns e currículos diversos. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518-versaofinal-site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal-site.pdf)> Acesso em: 25/06/2019.

9 Bell Hooks é uma filósofa, autora, teórica feminista, ativista, artista e professora universitária estadunidense.

10 Paulo Freire (1921-1997) foi um educador e filósofo brasileiro; patrono da educação brasileira.

em *Pedagogia do Oprimido*, quando diz que só nos educamos e nos libertamos em comunhão, em diálogo com o mundo: “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho” (2013, p.71). E também como defende a filósofa e psicanalista brasileira Viviane Mosé<sup>11</sup>, em palestra no Café Filosófico da CPFL que se dispõe a pensar: *O contemporâneo e a educação*<sup>12</sup>. Motivada pelo tema “Tensões e tendências”, Viviane diz que a escola não é a solução para os problemas do mundo, pois, ela é em si o próprio mundo. Todavia, é nesse palco, na escola, que se manifestam todas as nossas angústias sociais (2’05’’) <sup>13</sup>.

Para a Mosé os desafios da educação na contemporaneidade são: (a) acompanhar a revolução da memória. Visto que a evolução do ser humano se dá a partir da invenção da virtualidade, criando uma possibilidade de se olhar de fora. E nesta revolução constante, que acontece em nosso tempo, no século XXI, caracterizada pelo armazenamento e compartilhamento de imagens, inaugura-se a simultaneidade das redes de tecnologia que aumentam o fluxo da comunicação e também sua duração e efeito. “Como fazer com que essa memória e esse compartilhamento, que colocou todos os conteúdos disponíveis; [...] como a gente prepara seres humanos para lidar com esse acesso e essa liberdade com o mínimo de ordenação e ética?” (Idem; 33’21”). Diz ela que o ensino contemporâneo precisa desenvolver ainda mais projetos e diversas metodologias em gestão de rede. Algo que implica toda a comunidade escolar. Também por isso, existe outro desafio: (b)

11 Viviane Mosé é uma poetisa, filósofa, doutora e mestra em filosofia (UFRJ/IFCS), psicanalista e psiquiatra brasileira e especialista em elaboração e implantação de políticas públicas.

12 Palestra: O contemporâneo e a educação com Viviane Mosé. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hyVBULSDimI&t=1135s>> Acesso em: 29/06/2019.

13 Programa Café Filosófico CPFL, exibida na TV Cultura. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hyVBULSDimI&t=2276s>> Acesso em: 29/06/2019.

uma emergência da elaboração do pensamento complexo na escola, pois, citando Nietzsche, ela diz que a *escola é um campo de forças* e que, no mundo contemporâneo, a elaboração do pensamento se dá em camadas, em sobreposição e não de uma forma linear e piramidal.

Por isso, reflito, faz-se necessário levantar o debate intelectual na escola, incentivar a troca, a convivência e a criatividade através da experiência com a cultura e a criação artística. Esse processo é capaz de estabelecer afetos com respeito às alteridades. Esta relação dialógica dentro da comunidade escolar implica precisamente a existência do corpo social e cognitivo do aluno no espaço-mundo.

O ultimo ponto levantado por Viviane Mosé é que, no mundo contemporâneo, torna-se um desafio para a escola: (c) fazer com que a criança não perca a esperança (não queira morrer), queira viver de forma plena, com alegria e sabendo lidar com o sofrimento que é inerente à vida. Pois, segundo a palestrante, o índice de suicídio subiu 40% nos últimos 10 anos e também aumentou drasticamente os sintomas, como a mutilação entre crianças no Brasil.<sup>14</sup> Assim como também aumentou a violência extrema do massacre com armas de fogo em escolas brasileiras<sup>15</sup>, uma resposta ao ódio suplantado na sociedade contra a educação e os direitos humanos.

Ou seja, as crianças e jovens estão passando por essas experiências complexas e em uma rede com imagens e histórias que se sobrepõem. Isso não é algo que a família possa controlar, pois a exclusão desse ser humano do convívio com as alteridades numa sociedade plural não tem resultado benéfico. Ao contrário, produz alienação e violência. Por isso, acredito que a criança e o adolescente são cidadãos em

formação e precisam viver essa experiência social de convivência com a diversidade de pensamentos e culturas que se inicia na escola a partir do ensino infantil e continua na universidade, no trabalho, na jornada pessoal de cada sujeito com a sociedade. Nesse sentido os coletivos artísticos podem funcionar como pontes entre a escola e a cidade, o aluno e a comunidade escolar, sendo espaços para o diálogo. A propósito, no artigo *A comunidade escola: Reflexão sobre uma integração necessária*, o autor diz:

Ações escolares devem ser consolidadas em um contexto participativo, integrador de todos seus segmentos, sincronizadas com o contexto atual, que requer uma política educacional capaz de contribuir na condução do país ao pleno desenvolvimento, em conformidade com os princípios democráticos em evolução. Mais de vinte anos se passaram desde o término da ditadura militar, e o povo brasileiro vem reconquistando sua atuação nas decisões políticas, portanto, a escola deve investir em projetos político-pedagógicos que contribuam com a ação cidadã consciente e responsável (BEZERRA, org; 2010, p. 282)<sup>16</sup>.

115

Continuando do ponto em que pensamos a arte como uma intercessão curricular necessária, e já superando as barreiras impostas ao ensino específico das artes como conteúdo em si, como área de conhecimento, entendo que a arte possibilita a mediação pedagógica e dialógica entre o aluno e a comunidade escolar. Além disso, no contexto da criação artística, é também uma *ação cultural*<sup>17</sup> e política para a sociedade.

14 Automutilação: cresce alerta entre crianças e adolescentes no Brasil. Disponível em: <<https://www.unifesp.br/campus/sao/noticias/1085-automutilacao-cresce-alerta-entre-criancas-e-adolescentes-no-brasil>>. Acesso em 27/06/19.

15 Cronologia de ataques a tiros em escolas do Brasil. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cronologia-de-ataques-a-tiros-em-escolas-do-brasil,f2f8b6f920f133f6fc083824a9b271f4cx149z4p.html>> Acesso em 27/06/19.

16 BEZERRA, Z. F. et al. A comunidade escola: Reflexão sobre uma integração necessária. Editora UFPR: 2010; p.282. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n37/a16n37.pdf>>. Acesso em 20/06/19.

17 “Compreende-se a ação cultural não exclusivamente como estratégia de uma política cultural, mas também como o intercambio crítico e criativo das esferas artísticas e pedagógicas, incentivando as relações entre a escola e os artistas, a escola e a cidade, a sociedade os artistas, e assim por diante” (SILVA, Igor de Almeida; org,

Corroborando com Igor Almeida da Silva e Rudimar Constâncio, em *Ação Cultural. Arte, Educação e Política*:

Compreende-se a ação cultural não exclusivamente como estratégia de uma política cultural, mas também como o intercâmbio crítico e criativo das esferas artísticas e pedagógicas, incentivando as relações entre a escola e os artistas, a escola e a cidade, a sociedade os artistas, e assim por diante (2014 p. 14).

Assim, avançamos sobre a ideia de ação cultural dentro da comunidade escolar. No livro *Cidadania cultural: O direito à cultura*, Marilena Chauí<sup>18</sup> levanta a etimologia e significados da cultura. Ela diz que tem haver com educação, formação e cuidado:

Vindo do verbo latino *colore*, que significa cultivar, criar, tomar conta e cuidar, cultura significava o cuidado do homem com a natureza. Donde, agricultura. Significava, também, cuidado dos homens com os deuses. Donde, culto. Significava ainda o cuidado com a alma e com o corpo das crianças, com sua educação e sua formação. Donde, puericultura. A cultura era o cultivo do espírito das crianças para tornarem-se membros excelentes ou virtuosos da sociedade pelo aperfeiçoamento e pelo refinamento de suas qualidades naturais (caráter, índole, temperamento). [...] Dessa perspectiva, a cultura era a moral (o sistema de mores ou de costumes de uma sociedade) e a política (o conjunto de instituições humanas relativas ao poder e a arbitragem de conflitos pela lei). (2006, p 105-106).

---

CONSTÂNCIO, Rudimar; org. 2014; p. 14).

18 Marilena Chauí é uma filósofa brasileira especialista na obra de Baruch Espinoza, escritora e professora emérita de Filosofia Política e Estética da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Na nossa época contemporânea, simultaneamente globalizante e alternativa, parece mais interessante pensar o que “vem sendo” ou “está sendo” performativo dentro das diferentes linguagens artísticas.

Mas, volto um pouco também à questão do afeto levantada anteriormente: Em *Performance como revolução dos afetos*, a autora Tania Alice fala sobre a diluição de fronteiras entre as linguagens artísticas (2016; p.21). Ela diz que a linguagem performativa borra as linhas daquilo que seria facilmente interpretável e esse movimento é capaz de abrir espaço e outros sentidos cognitivos. Algo que a escola assume como responsabilidade, que é a necessidade primordial de desenvolver capacidades interpretativas, a leitura de mundo e atuação dos alunos em sociedade. É bem verdade, em acordo multilateralmente, que esta tarefa não pode ser algo somente atribuída para a escola, pois, a família é a primeira e provavelmente a última instância para a formação ética e estética do ser humano, sendo ela positiva ou negativa para o aluno.

Mas o que “é” a performance? Em primeiro lugar, parece importante ressaltar que a busca de uma definição essencialista do que “é” performance já seria uma maneira de pensar referente à modernidade em que a estética era delimitada e enquadrada por categorias fixas. Na nossa época contemporânea, simultaneamente globalizante e alternativa, parece mais interessante pensar o que “vem sendo” ou “está sendo” performativo dentro das diferentes linguagens artísticas. O que vem



sendo transformado, modificado, o que vem gerando relações distintas dessas geradas ou promovidas pelo culto ao capital? Em termos de etimologia quando falamos em “performance”, podemos nos referir à definição que o linguista inglês Austin propõe: todo ato de fala contém um poder de transformação inerente a ele mesmo. Cada fala realiza uma ação ao mesmo tempo que é proferida: une, afeta, legitima, impede, afasta... Por modificar o contexto em que é proferida, a fala performativa se constitui como um poder de ação e de transformação (ALICE, 2016; p.22-23).

Já citada aqui anteriormente, a professora Bell Hooks diz sobre seu lugar de fala e escuta nas escolas, e sobre um desafio contemporâneo da docência: “Nas minhas aulas, não quero que os alunos corram nenhum risco que eu mesma não vou correr, não quero que partilhem nada que eu mesma não partilharia” (2013, p. 35). Ou seja, a atuação performativa do professor está tão implícita quanto a do aluno. Os coletivos artísticos são espaços, tanto para o aprofundamento da performatividade dentro dos currículos escolares, quanto para estabelecer o diálogo e a liberdade criativa. Contudo, deve-se sempre atentar para a consciência do inacabamento e reconhecimento do ser condicionado, reflexão que está em “Ensinar não é transferir conhecimento”, no livro *Pedagogia da Autonomia*:

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem nele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história (FREIRE, 2013, p. 52).

A obra freiriana é a principal referência de Hooks para propor uma Pedagogia Engajada. Ela diz: “Gosto quando ele fala na necessidade

de tornar real na prática o que já sabemos na consciência” (2013, p.68). A contribuição de Paulo Freire para a pedagogia é dimensionada em escala internacional, tendo ele levantado diretrizes para uma educação transformadora, dialógica, libertária, decolonial, multicultural e que por isso é reconhecida em todo o mundo. Sobre a prática docente, Freire diz que ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, exige criticidade, estética e ética, e questiona:

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deve associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência é bem maior com a morte do que com a vida? [...] Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas mais pobres da cidade? [...] Porque, dirá um educador reacionariamente pragmático, a escola não tem nada a ver com isso. A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos. Apreendidos, estes operam por si (2013; p. 32).

117

Sobre a negação da prática de uma “transferência de conteúdo”, é justamente a simultaneidade das operações o maior desafio para a educação contemporânea. Pois, o aluno da contemporaneidade precisa sobrepor os diversos saberes, as múltiplas referências e imagens que atravessam seu corpo-memória, cotidianamente. Então, voltando ainda a compartilhar sobre minha experiência enquanto aluna, sobre minha prática intelectual e artística na escola, como o coletivo de teatro do qual fiz parte por quase quatro anos na Aplicação, afirmo que este fez a maior diferença na minha jornada escolar, mesmo sendo uma atividade extracurricular.

Contudo, antes do teatro atravessar minha vida efetivamente, a escola já apresentava oportunidades para que eu desenvolvesse minha

criatividade e elaboração. Como disse, tínhamos a tradição das mostras interdisciplinares, como uma atividade formal, onde a escola se integrava artística e cientificamente entre si, com outras escolas e com a sociedade. Ocupávamos um espaço privilegiado, que não existe mais, do único shopping da região. Hoje esse espaço que era externo também se transformou em lojas, mas antes sua porta dava para uma antiga entrada da praça de alimentação, cinema, playcenter. Por isso precisávamos atravessar os corredores do shopping para chegar nesse espaço pedagógico da mostra. Este evento era uma oportunidade da escola dialogar com a cidade, embora encerrados em um shopping, que era palco para a sociedade de consumo.

Mesmo com estas contradições capitalistas os corpos docentes e discentes apresentavam sua produção intelectual naquele espaço das mostras interdisciplinares. As apresentações artísticas eram especificamente competitivas. Assim, alguns grupos iriam ganhar e outros iriam perder. 118 Lembro-me que tinham as categorias dança e “quadro vivo”, as quais cada turma se dividia entre essas modalidades e competiam com as outras turmas. Além da elaboração de projetos para estandes de ciência que também estimulavam nossa criação e inventividade. As professoras sempre estimulavam simultaneamente nossa escrita sobre aquela experiência ou sobre os temas da pesquisa e as práticas que nos motivavam.

Se não me falha a memória, por volta da sexta série do ensino fundamental, no ano 2002, fiz minha primeira apresentação para o público, antes mesmo de começar a fazer teatro na escola. Era uma imagem em movimento, poderia ter fala ou não, mas os corpos precisavam formar um “quadro vivo”, guiados por um tema histórico referente a povos, conflitos e paz. Este era um projeto que deveria ser desenvolvido pela turma como um coletivo. Envolveria pesquisa, produção e criação artística. Era permitido convidar artistas para auxiliarem nas montagens, coreografias, direção de cena. E estes deveriam estar em comunicação com os professores que coordenavam a mostra. Os ensaios aconteciam fora do horário regular

das aulas, assim partes destas atividades também podem ser consideradas como extracurriculares. E a escola sempre disponibilizava espaços da faculdade para essas e outras atividades formais. Tínhamos acesso a um laboratório de química, uma sala de zoologia, sala de leitura, sala de história, geografia ou mesmo nossas salas de aula, que também utilizávamos para estas atividades extracurriculares. Então arrastávamos as cadeiras e ensaiávamos ali mesmo antes da turma da faculdade chegar para a aula da tarde.

De fato, “a memória é uma ilha de edição” (1998, p. 14-15), como disse Waly Salomão no livro *Lábia*, e já não tenho certeza de todo o processo pedagógico. Então, procurei uma antiga professora de biologia e perguntei sobre a proposta pedagógica da escola com essa Mostra Interdisciplinar. Respondeu-me a professora Verônica<sup>19</sup>:

Brisa, eu acredito que a arte é a formação cultural de um povo e a ciência é a produção de conhecimento que melhora a qualidade de vida desse povo. Expressar a ciência através da arte é uma forma de aproximar o que é científico do que é cultural. Acho que lá na Escola de Aplicação isso é feito com a maior propriedade, porque a gente começa com os alunos no ensino fundamental e eles conseguem fazer essa associação muito bem. Talvez em outros lugares a gente não consiga fazer com tanta liberdade. Inclusive, tem alguns colegas que fazem um projeto, uma associação do estudo de física com arte no Instituto Federal do Sertão. Agora, isso no cotidiano da escola é pouco colocado em prática, mas é algo que deveria acontecer em outros os lugares.

Como disse anteriormente, comecei a fazer teatro na escola e na oitava série do ensino médio foi quando o teatro atravessou minha vida. Era

---

19 Maria Verônica Rodrigues de Melo é Especialista em educação, bacharel e licenciada em biologia pela UPE. Professora da Escola da Aplicação, desde a sua fundação em 1994 e professora do Estado da Bahia.

uma atividade extracurricular, nos encontrávamos duas vezes por semana após as aulas formais. Logo entendi que aquilo era um compromisso, pois, ao passo que avançávamos nas aulas nossa presença era imprescindível. A primeira apresentação desse coletivo de teatro, com a peça *Primeiros passos*, formada por esquetes, aconteceu mais ou menos um mês após o início das aulas. Parece mentira, mas se não me engano a apresentação foi um sucesso. Fica guardada na minha memória essa primeira sensação da atuação propriamente dita e o esforço de querer ser escutada numa sala tão grande. Serviu imaginar uma velhinha surda na última fileira, que naquele espaço, para o meu tamanho, era muito distante.

Depois disso montamos mais duas peças. A primeira dramaturgia foi com a peça *Bailei na Curva*,<sup>20</sup> de Júlio Conte. Um texto que acompanha um grupo de sete amigos que moram na mesma rua durante a ditadura militar no Brasil, contando as transformações que as crianças passaram, refletidas na época e na situação política do país. Sempre apresentávamos para a comunidade escolar, numa sala lotada com mais ou menos 500 lugares. Além da escola, também apresentamos para os alunos da universidade. Depois fizemos *A falsa farsa das três Marias*, que tinha dramaturgia e direção do Thom Galiano. Com essa peça ganhamos o Festival Estudantil de Teatro da Associação de Artistas de Petrolina (ARTEDAP) em 2006, realizado em parceria com o Sesc Petrolina, no atual Teatro Dona Amélia<sup>21</sup>.

20 *Bailei na curva*, dramaturgia de Júlio Conte, 1983. Ganhou o Prêmio Açorianos – Prêmio especial do júri, em 1983. O Troféu Mambembe – Os melhores do ano: Prêmio Inacen do Ministério da Cultura para *Bailei na Curva*, encenada na cidade do Rio de Janeiro, em 1985. E o Festival Internacional de Expressão Ibérica, na cidade do Porto (Portugal) – participação representando o Brasil, em 1986.

21 “Inaugurado em 24 de outubro de 2013, o Teatro Dona Amélia, do Sesc Petrolina, é o único teatro da cidade e atende a produção teatral, musical, dança, cinema e literatura. [...] A escolha do nome do teatro é uma homenagem a Dona Amélia, mestra do Samba de Veio da Ilha do Massangano, nascida em 1936, na Ilha do Massangano, entre Petrolina e Juazeiro. Menina que nunca aprendeu a nadar, mas aprendeu a cantar, dançar e liderar seu “povo.” Disponível em: <<https://www.sescpe.org.br/>

Foi um festival importante que revelou alguns dos artistas da região que ainda atuam fortemente na cidade e em todo o país, como meus parceiros de teatro Thom e Raphaela de Paula<sup>22</sup>, com eles formei em 2006 meu primeiro grupo de teatro fora da escola, a Trup Errante. Também moramos juntos, em Salvador, quando fomos cursar artes cênicas na Escola de Teatro da UFBA. Mas essa é outra história.

Foi também na escola que tive a primeira oportunidade de ministrar aulas de teatro. Com a saída de Thom do curso de Pedagogia da UPE para fazer Direção Teatral na UFBA, fomos convidadas pela coordenadora para prosseguirmos com o coletivo de teatro, de modo que eu e Raphaela fomos mediadoras das aulas durante um ano. Entretanto, esse movimento ficou somente dentro dos muros da escola, pois, não poderíamos nos responsabilizar pelos alunos, sendo que nós mesmas pertencíamos ao corpo discente.

Mas, um tempo depois, já fora da escola como instituição promotora, em 2009, conseguimos aprovar o primeiro projeto cultural/pedagógico da Trup Errante para circulação: *Fabulosas Histórias do Rio São Francisco* (Mirian Muniz - FUNCEBE/Secult BA). Nesse projeto visitamos cidades do médio São Francisco (Correntina, Bom Jesus as Lapa, Paratinga, Barreiras, Ibotirama, Buritirama), com esta peça<sup>23</sup> de teatro

programas/cultura/artes-cenicas/teatros/teatro-dona-amelia/> Acesso em: 28/06/2019.

22 Raphaela de Paula (Raphaela Karoline de Paula Magalhães) é atriz formada pela Universidade Federal da Bahia (bacharel em artes cênicas) e professor de artes da rede municipal de ensino de Petrolina. Integrante/fundadora da Trup Errante, grupo de teatro atuante no Vale do São Francisco (PE/BA).

23 *Fabulosas histórias do Rio São Francisco* é uma peça de criação coletiva da Trup Errante, com direção de Thom Galiano, atuação de Raphaela de Paula, Brisa Rodrigues e Thiago Alves, acompanhados pelos músicos Moésio Belforte (ou Dai Pinheiro) e Cleybson Bolão. Conta a história de Chiquinha, uma menina que faz uma viagem pelo rio São Francisco, navegando em busca do Monstro do Lixo. No caminho, Chiquinha encontra com personagens da cultura ribeirinha com a Lara, o Minhocão, um pescador, uma lavadeira que conta a história desse rio, também chamado Opará, que nasceu das lágrimas de uma índia.

para crianças, que tem o mesmo nome do projeto, acompanhada por oficinas de teatro, confecção e uso de máscaras, confecção e percussão de instrumento (com o músico Cleybson Bolão). E sempre buscando parcerias com escolas e centros culturais e/ou educacionais. Além desse edital, aprovamos também dois microprojetos (*Semiárido brasileiro*, de 2009, realizado em comunidades do município de Petrolina, e *Bacia do Rio São Francisco*, de 2013, realizado na cidade Lagoa Grande), pelo programa Mais Cultura (FUNCULTURA).

Essas primeiras experiências profissionais com o teatro me revelam o caminho traçado na minha jornada escolar, que se inicia com uma prática teatral em coletivo na escola, passando por uma pesquisa intelectual com a intenção de chegar até a docência. Prática artística e produção de arte. A escola foi para mim uma experiência que me possibilitou o encontro com o teatro. Uma oportunidade que eu, provavelmente, não teria fora daquele espaço. Assim, a escola transformou minha vida.

O teatro é a minha vida.

120



**Imagem 3:** Bandeira Fabulosas Histórias, 2019

## Referências

ALICE, Tania. *Performance como revolução dos afetos*. São Paulo: Annablume, 2016.

BEZERRA, Z. F. et al. *A comunidade escola: Reflexão sobre uma integração necessária*. Editora UFPR, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n37/a16n37.pdf>> Acesso em 20/06/19.

BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Tradução de Rogério Berton. Belo Horizonte: Aditora Autentica, 2017.

CHAUÍ, Marilena. *Cidadania cultural: O direito à cultura*. São Paulo: editora Fundação Perceus Abramo, 2006.

CORREA, Evelline Soares. *Colégios de Aplicação Pedagógica: Sua história e seu papel no contexto Educacional Brasileiro*. Rev.Eletrônica Pesquiseduca, ISSN: 2177-1626, v. 09, n. 17, p. 116-129. jan.-abr.2017; p. 117. Disponível em: <<http://periodicos.unisantos.br/index.php/pesquiseduca/article/download/619/pdf>>. Acesso em: 05/06/19 às 17h57.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2011.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como praticada liberdade*. Tradução: Marcelo Bradão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

MOSÉ, Viviane. *O contemporâneo e a educação*. (50m01s) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hyVBULSDimI&t=1135s>> Acesso em: 29/06/2019.

RODRIGUES, Brisa. *A Bárbara: O corpo bandeira da mulher revolucionária e a prática feminista nas artes*. 2018. Dissertação (Mestrado em Artes),

Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro-RJ, 2018.

SALOMÃO, Waly. *Lábia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

SCHECHNER, Richard; LÍGIERO, Zeca (org.). *Performance e antropologia de Richard Schechner*. Tradução de Augusto Rodrigues da Silva Junior. 1º edição. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

SILVA, Igor Almeida; CONSTÂNCIO, Rudimar. *Ação Cultural: Arte, Educação e Política*. Recife: Sesc Pernambuco, 2014.

*Ética e cidadania: construindo valores na escola e na sociedade* / Secretaria de Educação Básica, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000015509.pdf>> Acesso em: 25/06/2019.